

Memórias, afetos e resistência: sentidos da Sociedade Kênia Clube para as pessoas que a frequentam

Memory, affection and resistance: senses of the Sociedade Kênia Clube for the people who attend it

Recuerdos, afectos y resistencia: el significado de la Kenya Club Society para quienes la frecuentan

 **Orlando Afonso Camutue Gunlanda**

Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no curso de Psicologia da Universidade de Joinville e Região (UNIVILLE).

E-mail: gulondapsi@gmail.com

 **Andreia Vieira Zanella**

Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista em produtividade do CNPq.

E-mail: avzanella@gmail.com

 **Neiva de Assis**

Docente de Psicologia no departamento de Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Psicologia na UFSC.

E-mail: neiva.assis@ufsc.br

RESUMO

Este artigo analisa os sentidos que associados(as) da Sociedade Kênia Clube (SKC) produzem acerca das relações que estabelecem com a entidade. A SKC é um dos clubes sociais negros existentes no Brasil que se constituíram como espaços de sociabilidade, lazer, diversão, educação e preservação da cultura e memória da população afrodiáspórica. Foram realizadas conversas com dez associados(as) desse clube, gravadas e posteriormente transcritas. As análises foram realizadas a partir de três unidades temáticas, a saber: a SKC como casa e lugar de pertencimento; a SKC como lugar de produção de vínculos; e, por fim, a SKC como lugar de resistência. Como conclusão, evidencia-se que as atividades promovidas pela SKC produzem experiências afetivas, ações de resistência e produção social de memórias em uma cidade que preza por destacar e valorizar a colonização germânica.

Palavras-chave: Clube social negro; Relações étnico-raciais; Cidade; Memória; Psicologia social.

ABSTRACT

This article analyzes the meanings that members of Sociedade Kênia Clube (SKC) produce about the relationships they establish with this association. SKC is one of the black social clubs in Brazil that have been established as spaces for sociability, leisure, entertainment, education and preservation of the culture of black populations. Conversations with members of the club produced information used to make up the discussions here present. The analysis categories are: SKC as home and belonging experiences; SKC as a place for producing bonds; and, finally, SKC as a place of resistance. As a conclusion, it is evident that the activities promoted by SKC produce affective experiences, actions of resistance and social production of memory in the city.

Keywords: Black social club; Ethnic-racial relations; City; Memory; Social psychology.

RESUMEN

Este artículo analiza los significados que los miembros del Kenya Club Society (SKC) construyen en relación con los vínculos que establecen con la entidad. El SKC es uno de los clubes sociales afrodescendientes existentes en Brasil, creado como espacio para la sociabilidad, el ocio, la diversión, la educación y la preservación de la cultura de las poblaciones afrodescendientes. Se realizaron conversaciones con diez miembros de este club, las cuales fueron grabadas y posteriormente transcritas. Los análisis se llevaron a cabo en torno a tres unidades temáticas: el SKC como hogar y lugar de pertenencia; el SKC como espacio para la creación de vínculos; y, finalmente, el SKC como espacio de resistencia. En conclusión, resulta evidente que las actividades promovidas por el SKC generan experiencias afectivas, actos de resistencia y la construcción social de memorias en una ciudad que valora y celebra la colonización germánica.

Palabras clave: Club social afrodescendiente; Relaciones étnico-raciales; Ciudad; Memoria; Psicología social.

Introdução

Este trabalho discute os sentidos que associados(as) da Sociedade Kênia Clube (SKC), um clube social negro localizado em Joinville/SC, produzem acerca das relações que estabelecem com a associação e com a cidade. Fundada no dia 6 de setembro de 1960, a SKC é o único clube social recreativo vinculado à população negra da cidade de Joinville/SC, sendo historicamente conhecido pelas atividades que promovia: tardes dançantes de domingo, bailes de Páscoa, Natal e debutantes; festas do Dia dos Namorados e do Dia das Mães. É também conhecido pelos seus bailes de Carnaval e pela Escola de Samba Príncipes do Samba.

Segundo Domingues (2023), o mapeamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) identificou, até 2015, 61 clubes negros no Brasil, localizados nos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Domingues (2023) observa a expansão desses clubes ao longo dos anos e o expressivo aumento, a partir de 2000, de pesquisas acadêmicas sobre eles, as quais os consideram pertencentes ao “movimento clubista negro” (Loner, 2009; Escobar, 2010; Silva, 2011; Domingues, 2023). De modo geral, esse movimento compreende que a forma associativa negra realizada por clubes sociais potencializou a afirmação positiva das características culturais afro nas cidades brasileiras desde o período pós-abolicionista. Além da luta contra a discriminação racial, o movimento ocupou-se com questões relacionadas à cidadania, busca por direitos trabalhistas, enfrentamento das segregações e constituição de espaços de lazer. Destacam-se, pois, esses clubes, tanto pelas festividades que promovem como pela contribuição à preservação cultural e associativismo político em prol de lutas por direitos da população negra.

Conhecer as experiências e narrativas das pessoas negras que frequentaram e frequentam clubes negros no Brasil tem sido um dos desafios de pesquisadoras como Loner (2009), Escobar (2010), Silva (2000), Silva (2011), Sousa (2021), Domingues (2023), entre outros/as. Segundo essas autoras e autor, os clubes sociais negros são lugares constituídos por inúmeras histórias, experiências e memórias que devem ser revisitadas para compreendermos alguns dos processos de resistência construídos pela população negra diante dos tensionamentos éticos, políticos e estéticos experimentados nos centros urbanos brasileiros. Ademais, esses clubes possibilitam a compreensão dos processos segregacionistas que a população negra experimentou e ainda experimenta na sociedade brasileira.

Nossos olhares direcionaram-se, nesta pesquisa, para os relatos de relações e afetos produzidos na SKC. Perscrutamos, seguindo a perspectiva de Bosi (2018), as sensibilidades, lembranças e esquecimentos, os dizeres e saberes que fazem da SKC um espaço que possibilita processos de rememoração e afirmação da trajetória da população negra na história de Joinville.

Para o desenvolvimento da pesquisa, cartografamos afetos e percorremos linhas que nos levaram a compor pensamentos-imagens sobre vidas e trajetórias, atentando para os modos como essas pessoas produzem suas existências e significam suas relações na e com a cidade. Buscamos, também, perceber as incidências dos processos coletivos nos modos de vida singular e vice-versa. Em outras palavras, analisamos as relações intersubjetivas para compreender o modo como singularmente cada sujeito tece a própria existência, compreende o mundo e produz sentidos¹ sobre a vida.

Para investigar os sentidos, partimos das narrativas que as pessoas produzem sobre suas vivências e relações no/com o mundo. Tal como lembra Benjamin (1996), a narrativa é a linguagem da experiência, é como as pessoas comunicam aquilo que lhes passa, lhes acontece e lhes chega. É, pois, a narrativa, resultado das afecções do corpo engendradas em situações e contextos específicos, marcada por acabamentos que abrem ao próprio narrador e ao outro para a qual se dirige possibilidades de produção de novos sentidos, em um incessante movimento.

Pensamos a memória como processo de rememoração resultante do trabalho de refazer e recombinar experiências pregressas com as atuais, mesclando afetos, práticas, saberes e imagens a partir das afecções produzidas no próprio corpo (Smolka, 2000; Bosi, 2018). Apresenta-se, pois, a memória, como um esforço humano de reconstrução de uma experiência a partir daquilo que se configura como presente. Por conseguinte, o processo de investigar a memória não está relacionado apenas ao que se diz. Perscrutá-la implica atentar-se para os gestos, as formas de dizer, conhecer objetos e lugares que são uma espécie de mediadores de lembranças, suportes para rememorações. Afinal, a memória se dá *pari passu* com o esquecimento e com as omissões, e “os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano” (Bosi, 2018, p. 18).

Em relação aos sentidos produzidos sobre a SKC, consideramos, nas análises, as especificidades étnico-raciais que envolvem a história desse clube e das pessoas que o frequentam. Entendemos que a constituição de um lugar como esse, na sociedade brasileira, resulta de uma série de tensões produzidas por ideologias racistas. Conhecer as experiências de pessoas negras vinculadas à SKC possibilita, por conseguinte, produzir modos outros de contar a história de Joinville, dos lugares que a compõem e das vidas que a edificaram e foram ali constituídas, para além das reconhecidas nas narrativas hegemônicas sobre a cidade.

Dos encontros à composição das discussões: o caminho da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada, inicialmente, uma imersão no clube, conhecendo as principais atividades que nele eram realizadas. Foi feita a apresentação da proposta da pesquisa ao então diretor da SKC e, com sua anuência ao projeto, estabelecemos contatos com outros integrantes da diretoria e algumas pessoas que o frequentavam.

A principal estratégia utilizada para acessar as pessoas que participaram da pesquisa foi a indicação dos(as) próprios(as) associados(as). Ou seja, cada pessoa com quem o pesquisador principal, homem negro habitante da cidade, conversou durante suas visitas à SKC, indicava o nome de outra pessoa que, em sua perspectiva, contribuiria com a pesquisa. Como resultado, participaram do estudo 4 mulheres e 6 homens, os quais assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) e concordaram com a posterior divulgação das informações produzidas durante a pesquisa.

As conversas foram gravadas, transcritas e analisadas. Obtivemos aproximadamente 33 horas e 18 minutos de gravação. A média de cada uma das conversas foi de 3 horas. Além do gravador como recurso técnico para o registro das informações, produzimos um diário de campo com as principais impressões e anotações sobre o percurso da pesquisa. Parte dessas impressões possibilitou a articulação entre as cenas vivenciadas durante a imersão no campo e as narrativas das pessoas com as quais conversamos.

Assumimos a perspectiva de conversa em oposição à noção de entrevista pelo fato de que uma conversa pressupõe um diálogo em um contexto específico, possibilitando aos seus participantes uma aproximação aos sentidos produzidos nesse encontro. Desse modo, a conversa é compreendida como um momento de efetiva interação social que produz afetações às quais as pessoas envolvidas não escapam (Aguiar & Rocha, 2007; Groff, Maheirie, & Zanella, 2010; Sicari, 2018). Ademais, as conversas são experiências de fala, ou seja, entendemos que a expressão e o conteúdo não estão distanciados e, por esse motivo, toda conversa é um diálogo encarnado, carregado da intensidade dos conteúdos, dos eventos e dos afetos ali circulantes (Tedesco, Sade, & Caliman, 2013; Bakhtin, 2013).

As pessoas com as quais pesquisamos optaram pela identificação dos seus nomes na escrita como possibilidade de visibilizar suas impressões sobre o clube e suas leituras acerca das tramas étnico-raciais na cidade de Joinville.

Além de considerarmos essa opção uma postura ético-política, compreendemos também que, nos estudos sobre grupos minoritários, a identificação das pessoas é uma forma de visibilização de suas vozes e saberes.

As informações produzidas na interação com as pessoas com as quais conversamos foram analisadas na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a qual compreende que a linguagem é povoada de variadas vozes sociais, sendo a voz social entendida como

produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural, etc. Em outras palavras, nenhuma voz social existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzida à sua materialidade linguística ou dissolvida nos estados psíquicos daqueles que a produzem ou a interpretam (Barros, 2015, p. 27).

As análises, apresentadas a seguir, foram organizadas em três principais categorias de discussão: a) os sentidos de pertencimento produzidos na relação com a SKC; b) discussões sobre os relacionamentos afetivos produzidos no clube e, por fim, c) a SKC como espaço de produção de estratégias para lidar com as tensões étnico-raciais constituintes da cidade de Joinville.

A SKC como casa: experiências de pertencimento e representatividade

Ao analisarmos as conversas com os(as) interlocutores(as), chamou-nos a atenção as referências à SKC como uma casa, um espaço ao qual os(as) participantes da pesquisa se sentiam pertencentes. Era um lugar onde não precisavam ficar preocupados(as) com o risco de sofrerem qualquer forma de discriminação racial. Era possível construir um sentimento de “nosso lugar”, de um espaço familiar: “Lá você encontra o maior número de pessoas negras reunidas em um domingo de tarde aqui na cidade” (participante Rhuan C. Fernandes); “A gente se sente em casa e sem medo de ser rejeitado” (participante Jayneffer Elisa); “Eu vejo o Kênia como a minha outra casa. Eu tenho a minha família, eu tenho toda a estrutura, mas se eu quiser encontrar os meus amigos, as outras pessoas da minha família, eu sei que é naquele local que eu vou encontrar [...]” (participante Alessandra Bernardino).

Nascida e criada em Joinville, Alessandra Bernardino, 45 anos, morou no bairro Floresta, região sul da cidade, durante 37 anos e atualmente trabalha na Secretaria de Educação de Joinville. Ela iniciou nossa conversa contando sua experiência com a SKC. Afirmou ter tido uma infância vinculada ao clube, pois a maior parte das imagens que compõem sua memória está relacionada a ele. Narrou a participação nas festas dos finais de semana — as domingueiras —, momento em que os(as) associados(as) se reuniam juntamente com as suas famílias e eram feitas rodas de samba, feijoada e alguns jogos infantis. Relatou também a participação nos bailes de debutantes e as idas aos bailes de Carnaval como eventos que marcaram sua relação com a SKC.

Alessandra Bernardino: O Kênia sempre tinha muita atividade. Era baile de Carnaval, era ensaio de Carnaval e de bateria; tinha baile de debutante, eu participei do baile de debutantes, cheguei a debutar. Isso é uma coisa que não se faz mais na sociedade, nenhum clube de Joinville isso acontece mais, mas no Kênia aconteceu, aconteceu algumas vezes, se não me engano. Então, com 15 anos, eu fui debutar, lembro bem disso.

É possível perceber que a trajetória de vida da interlocutora está vinculada ao clube, pois, por meio dele, foram realizados eventos significativos de sua vida, tal como o baile de debutantes, cerimônia tradicional de origem europeia que sinaliza a passagem da infância para a idade adulta. O baile é compreendido como a apresentação das jovens à sociedade. Alessandra também nos faz compreender a SKC como espaço lúdico, de “bons encontros” (Espinosa, 2009) e lugar que possibilita a criação de condições necessárias para a potencialização da ação dos corpos. Essa potencialização tem o objetivo de “aumentar e favorecer a potência de ação de um corpo, a fim de interferir na ação, significado e emoção, coletivos e individuais” (Sawaia, 2014, p. 114).

A participante Jayneffer Elisa, 22 anos, é estudante de licenciatura em Educação Escolar Quilombola e moradora de Araquari, cidade localizada a 31,1 km de Joinville. Frequenta o clube desde o ano de 2015 e nos contou que o conheceu:

através do grupo Baque Mulher, que é um grupo de maracatu só de mulheres, em Joinville, elas fazem semanalmente oficinas de maracatu ali no Kênia, e eu recebi o convite delas para participar de uma oficina para de repente estar me inserindo no grupo, e fui, né. Uma memória que gosto muito do Kênia é uma vez que a gente foi para uma dessas oficinas, [...] que reuniu diversas mulheres que tocam maracatu.

O Baque Mulher reúne mulheres interessadas em aprender a dançar o maracatu e, ao mesmo tempo, constitui-se como um espaço de encontro de mulheres feministas negras. A participante faz parte dessa nova geração que acessa o SKC aproximadamente 54 anos após sua fundação. Quando questionada sobre o que o clube significava para ela, afirmou:

Eu acho que o Kênia [...] é o único espaço, que eu conheço, pelo menos, que a gente ouve falar mais, que o pessoal tem essa, enfim, a população negra, né, nós temos essa liberdade de estar se inserindo em atividades lá sem enfrentar empecilhos. Sempre que vamos fazer uma atividade no Kênia, o pessoal que organiza lá já cede o espaço e está tudo certo, o que não acontece em outros espaços, né!

Jayneffer compreende que a SKC é um dos poucos espaços da cidade que acolhe bem as pessoas negras. É, para ela, um espaço de acolhimento, onde é possível constituir vínculos e relações afetivas. Portanto, um lugar de bons encontros, pois nele se produzem relações que “aumentam a potência e, por consequência, dá-se um aumento na capacidade de existir” (Strappazon & Maheirie, 2016, p. 118).

A SKC se caracteriza, para as pessoas com as quais conversamos, como espaço onde os corpos negros podem existir e relacionar-se a partir da condição de liberdade. Nele, esses corpos não precisam estar sob o regime do autocontrole e do medo; não precisam ter a impressão de que podem, em algum momento, ser questionados sobre a legitimidade de estarem ocupando aquele espaço. É um lugar de experimentações do corpo e das relações.

Jayneffer Elisa: E outra coisa muito interessante também é que nunca acontece uma coisa só no dia... Nunca é só o maracatu ou só uma oficina de teatro. Sempre tem diversas atividades, então tu vai lá para a atividade que vai fazer, mas acaba vendo um número gigante de outros espetáculos, que foi o caso desse das mulheres, que eu achei que ia chegar lá e ia ver só maracatu, mas não! Acabei vendo outras meninas que apresentaram dança afro. Enfim, me senti e me sinto muito bem representada pelo Kênia, porque eu acho que é um dos poucos espaços que a gente ainda pode frequentar sem ter medo de ser barrada.

Ser um espaço de diversas atividades e, ao mesmo tempo, de fácil acesso, segundo Jayneffer e outras pessoas com as quais conversamos, é um dos aspectos que faz da SKC um lugar que a representa. Entendemos essa representação a que ela se refere como a representatividade discutida pelas(os) teóricas(os) dos estudos culturais, relações étnico-raciais e ativistas sociais (Fanon, 2008; Ribeiro, 2017; Lima & Silva, 2019; Almeida, 2019).

A representatividade negra tem como proposta realizar subversões das imagens produzidas acerca do corpo negro a partir dos processos de hierarquização racial, colonização e escravização que têm a branquitude como ideal e padrão a ser alcançado. Inscritos nessa trama, os corpos negros, tal como pensa Frantz Fanon (2008), só têm como espelho — ideal social — o corpo branco. O resultado disso é a constituição de máscaras brancas em peles negras, ou seja, é necessário dominar a linguagem do corpo branco, sua cultura e sua estética para tornar-se “sujeito de verdade”. Uma vida de máscaras brancas, tal como entende Fanon (2008), é constituída a partir da cultura do colonizador, implicando um sepultamento das práticas e visões de mundo dos(as) negros(as). Por conseguinte, a hierarquização das representações a partir do padrão branco produz “um sujeito inferiorizado, que

tenta adquirir seu reconhecimento a partir desse lugar estranho e negado a ele. E dessa dinâmica de dominação surge o sujeito colonizado, alheio a si mesmo” (Lima & Silva, 2019, p. 43). Aqui está uma das perversidades do empreendimento colonialista: tornar os corpos negros alheios à sua história, cultura e aspectos identitários.

A literatura que problematiza os efeitos das políticas colonialistas e ideologias racistas aponta que o sujeito “colonizado”, ao não ser representado positivamente, torna-se invisibilizado em pelo menos três dimensões: subjetiva, cultural e política (Fanon, 2008; Ribeiro, 2017; Lima & Silva, 2019; Almeida, 2019). Desse modo, pensar em representatividade negra é considerar aspectos culturais e políticos que possibilitam a leitura positiva da negritude, viabilizando a afirmação positiva dos saberes, dizeres e fazeres da cultura das populações negras, tensionando, dessa forma, os efeitos das máscaras brancas nas peles negras. Assim, a representatividade negra é uma forma de enfrentar os efeitos subjetivos da colonialidade, criando estratégias para que o sujeito negro se constitua a partir de seus referenciais éticos, estéticos e políticos (Fanon, 2008).

A representatividade negra inclui, além da ocupação de lugares de prestígio social, a existência de instituições, espaços culturais e artísticos de visibilização das memórias, trajetórias e existências negras. Portanto, os clubes sociais negros se apresentam como espaços de representatividade e visibilização da população negra na paisagem das cidades brasileiras, o que não significa ausência de paradoxos. Podemos citar, nessa direção, atividades herdeiras da tradição colonial, como os bailes de debutantes relatados por Alessandra.

Outro aspecto fundamental da fala da Jayneffer é o fato de a SKC se apresentar como um lugar que se pode “frequentar sem ter medo de ser barrada”. Cabem aqui algumas interrogações que nos auxiliam a compreender essa afirmação: quais os lugares da cidade em que pessoas negras são barradas? Quem produz essas práticas? De que modo acontecem esses impedimentos? Que forças ideológicas sustentam essa racionalidade? Se, na década de 1960, as questões que mobilizaram a constituição da SKC foram os impedimentos que pessoas negras tinham no acesso aos clubes sociais de tradição germânica, conforme relatado pela diretoria do clube, atualmente esses mesmos impedimentos acontecem de outros modos, por outros gestos e práticas que sinalizam separações e desigualdades étnico-raciais, subentendidas na fala de Jayneffer. Ou seja, a cidade ainda apresenta indícios de cisões orquestradas pelas ideologias racistas², as quais se sustentam no discurso oficial que valoriza a origem germânica de seus fundadores.

O participante Rhuan Carlos Fernandes, educador físico e estudante de história, tem 29 anos e frequenta a SKC desde a reabertura do clube no ano de 2002, após o prédio ter passado um tempo alugado por motivo de falta de verbas para sua manutenção:

Embora a minha geração tenha sido muito prejudicada tanto com o fechamento do clube quanto com a ausência dos desfiles de Carnaval entre os anos de 1992 a 2006 — que era a atividade onde a escola de samba vinculada ao clube ganhava visibilidade —, ainda assim muitos de nós temos o Kênia como a nossa principal referência em termos de territórios, lugares na cidade. Inclusive, foi a partir disso que, no ano de 2016, começamos com o movimento “Kênia nossa casa”, para reafirmar o que aquele espaço significa para nós, negros, aqui em Joinville.

Rhuan faz parte da juventude negra da SKC que tem organizado palestras, eventos e ações visando aproximar os participantes mais jovens das histórias da SKC e estabelecer conexões intergeracionais entre os(as) associados(as). Compreende-se ser necessária a afirmação da SKC como um dos lugares pertencentes à memória da população negra na cidade, ou seja, um lugar de pertencimento e de representatividade negra. Nesse sentido, a SKC é compreendida como um espaço vivido, um lugar de fluxo de vida e de partilhas sociais. É a partir dessa perspectiva que tanto ele como as demais pessoas com as quais conversamos afirmam sentirem-se pertencentes à SKC, um lugar familiar onde são produzidas experiências constitutivas dos seus modos de ser e estar no mundo.

Pertencimento é um processo mediante o qual se produzem identificações com determinadas experiências, narrativas e símbolos que possibilitam aos sujeitos a construção de si e a composição de um universo simbólico que viabiliza sua relação com o mundo (Candau, 2018; Musha & Berezoschi, 2018). Maurício e Bueno (2019, p. 236) afirmam que “o pertencimento torna-se relevante nas interações sociais por possibilitar o desenvolvimento de um vínculo, referências e distribuição de poderes”. Pertencer é sentir-se ligado a algum espaço ou grupo, é

sentir-se conectado a alguma narrativa ou modo de pensar a existência, é criar ligações com aquilo que, de alguma forma, possibilita a constituição de si. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento é formado mediante constituição de relações, referências e partilha de valores. Para compreender esse pertencimento, retomamos a ideia de lugar de calor apresentado por Bader Sawaia (1995). Segundo a autora, “para que um espaço adquira o sentimento de ‘meu’, é preciso mais que a familiaridade. O que produz o calor do lugar é a segurança e uma forte dose do sentimento de sentir-se gente entre pares” (Sawaia, 1995, p. 23). O calor do lugar é, pois, condição para o pertencimento a que se referem as pessoas com as quais conversamos.

A SKC como lugar de produção de vínculos

Outro sentido que emergiu nas conversas com os(as) associados(as) foi o de considerar a SKC como um espaço de memória e relações afetivas. Segundo eles(as), relacionamentos conjugais e amizades foram constituídos a partir dos encontros no clube.

Alaíde Honorato da Silva é fonoaudióloga, nascida no Paraná, na cidade de São José dos Pinhais, e reside em Joinville desde 1990. Ela narra que conheceu a SKC no último baile que foi realizado antes de encerrar a antiga sede do clube, que na época era de madeira e estava localizada em outro bairro. Antes de conhecer a SKC, já conhecia a Sociedade Afonso Pena (São José dos Pinhais), onde seu pai e seus tios tocavam desde a época em que ela tinha três anos.

Alaíde Honorato da Silva: Eu voltei novamente ao Kênia já construído, foi num baile de Carnaval, nesse período a minha irmã ainda estava morando aqui. Aí combinamos de vir aqui no Carnaval porque ela disse que tinha desfile no Centro da cidade, [...], e depois que acabava o desfile, tinha o baile de Carnaval que era ali no Kênia. A gente ia pra o desfile e depois íamos todos para o baile, e foi ali que conheci o meu ex-marido, no baile do Carnaval [risos]. Então, pra mim, o Kênia tem umas memórias muito boas, memória afetiva muito boa!

Outro relato relacionado à constituição de relações afetivas na SKC é o da participante Alessandra Bernardino. Ela conta que, inicialmente, quem veio para Joinville foi o seu avô materno, originário da cidade de Siderópolis, no sul de Santa Catarina. Veio à procura de possibilidades de trabalho para o sustento de sua família:

Alessandra Bernardino: A família da minha mãe veio, acho que, um ano ou dois anos depois. Ela tinha outras irmãs, e quando tinham os bailes, que era um evento que parava a cidade — imagina todas as pessoas impecáveis, homens de terno, mulheres com vestidos sociais, muitos penteados e maquiagem, aquela história toda — então elas iam todas pra o baile e, consequentemente, o meu pai [...]. Então, depois, ele pegou um emprego e começou a frequentar o Kênia Clube. No Kênia, isso ela conta e depois irá contar para ti pessoalmente, ele viu aquela família toda naquela mesa e achou todas as mulheres muito bonitas, e uma delas chamou muito a sua atenção, que é a minha mãe, esposa dele há 46 anos. Então a história deles se inicia dentro do Kênia. A história deles, iniciando ali, inicia a minha. Por isso digo que eu nasci praticamente no Kênia, pois a minha mãe namorou, noivou e casou lá e eles sempre frequentaram o Kênia.

Ao afirmar que a história de seus pais iniciou ali e a sua também, Alessandra Bernardino indica que a SKC é um lugar de constituição de uma rede de vínculos afetivos, conjugais e familiares. Assim como em outros clubes sociais negros do Brasil, a SKC, ao se firmar como um espaço de lazer e diversão, proporcionava, e ainda proporciona, bons encontros, os quais podemos compreender como momentos de partilhas sensíveis capazes de produzir paixões alegres, as quais aumentam a capacidade de existir (Espinosa, 2009; Strappazon & Maheirie, 2016).

Os relatos das pessoas com as quais conversamos sinalizam que os encontros na SKC possibilitaram a criação de vínculos afetivos que se desdobraram em namoros, noivados e casamentos. Essas experiências afetivas são potencializadoras da vida, visto que produzem vínculos, formas de proteção e redes afetivas. Os

amores nutrem a vida de beleza e sensibilidade; tecem redes de apoio e cuidado; produzem textos alegres, capazes de criar leituras outras do mundo e da vida.

A SKC é considerada, então, como um lugar de encontros de pessoas que se constituem como pares umas das outras e produzem relações amorosas e de amizade. Só é possível fazer amizade entre sujeitos que se percebem como partícipes de um mesmo mundo, com suas singularidades e diferenças; sujeitos que partilham narrativas e sensibilidades. Nas disparidades, constituem-se relações de subalternidade; na paridade observada no SKC, constituem-se relações afetivas e de proximidade, relatadas em narrativas que comungam sensibilidades abertas ao encontro com outros, à afirmação da vida em sua pluralidade e potência.

A SKC como lugar de resistência

Outro sentido que emergiu nas conversas com os(as) associados(as) foi a compreensão da SKC como espaço político, de resistência e luta para o enfrentamento da discriminação racial que pessoas negras sofrem cotidianamente no Brasil e, no caso deste estudo, na cidade de Joinville.

Alessandra Bernardino: Eu não sei se para toda a população negra de Joinville ele tem o sentido político, mas pra mim tem, porque eu tenho essas leituras e tenho a militância, então não tem como não evidenciar isso a partir de toda a história do clube e de como ele surgiu. Você sabe, o Kênia surge com um grupo de jovens negros que tinham a ideia de mudar essa sociedade racista, tanto que o primeiro baile realizado pelo Kênia tinha como proposta dizer que “nós estamos aqui e queremos igualdade”. Então, para mim, o clube é extremamente político até hoje em todas as suas ações.

A participante em questão sinaliza a compreensão de que a SKC se constitui como um espaço de tensionamento da lógica hegemônica que organiza a cidade a partir da invisibilização da presença negra. Com ela compreendemos que a presença da SKC na cidade evidencia um lugar social de força das pessoas negras, constituído historicamente, e, ao mesmo tempo, anuncia as intenções políticas dessas pessoas: “queremos igualdade”. Igualdade de direitos, de acessos a bens e serviços, de partilha da riqueza historicamente construída, enfim, de condições equânimes para a vida em sociedade.

Felipe Cardoso, bancário e jornalista de formação, é membro do Movimento Negro Maria Laura de Joinville. Sua trajetória pelo clube iniciou na adolescência, momento em que passou a frequentar as festas ali realizadas com amigos e familiares. Em um dos seus relatos, reitera a narrativa de Alessandra e outras pessoas entrevistadas:

Felipe Cardoso: A SKC é símbolo da nossa resistência, sem dúvida nenhuma. Se dependesse da vontade da elite branca da cidade, nem era para ter esse clube. Ele só existe porque teve gente que se organizou e militou por aquele espaço. Por isso é que eu vejo a SKC como símbolo da nossa história e das nossas resistências em uma cidade racista como Joinville.

O racismo opera como uma necropolítica que mata os corpos negros; invisibiliza suas memórias; encarcera as pessoas negras; inferioriza os seus saberes e suas práticas culturais; demoniza suas tradições e quebra seus princípios religiosos. Essas experiências, comuns nas diversas cidades do país e familiares às pessoas negras, evidenciam o racismo individual, institucional e estrutural constituinte da sociedade brasileira (Almeida, 2019). Os trabalhos de Gomes e Laborne (2018), Pessanha e Nascimento (2018), Sinhoretto e Moraes (2018) apontam que o genocídio da juventude negra, por exemplo, tem como um dos fatores centrais o racismo institucional, presente na forma como o Estado (re)produz as lógicas de policiamento dos corpos negros. Segundo dados do Atlas da Violência (IPEA, 2017, p. 30), “em cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra”.

O mesmo documento evidencia que, entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios de mulheres brancas teve redução de 7,4%, enquanto a taxa de mortalidade de mulheres negras aumentou 22%. Tais dados apontam que as mortes de pessoas negras no Brasil são um dos sintomas mais agudos de uma “patologia social que sangra a dignidade brasileira, o racismo” (Gomes & Laborne, 2018).

Diante desse cenário, é possível afirmar que os clubes sociais negros se apresentam como espaços políticos que tensionam as objetivações do racismo nas diferentes práticas sociais, culturais e políticas no Brasil. Tensionam, com suas atividades, o discurso hegemônico que apaga as memórias da presença negra na fundação e desenvolvimento das cidades brasileiras, na edificação do próprio país. Há, pois, uma dimensão de resistência nas atividades desenvolvidas na SKC e outros clubes sociais negros. Uma resistência que é luta e criação; é enfrentamento e geração de experiências potentes para a produção de paixões alegres e ativas; é afirmação de vozes sociais que escapam das racionalidades hegemônicas; é tensionamento e crítica daquilo que se apresenta como padrão e norma (Britto & Jacques, 2009).

Alessandra Bernardino: Hoje em dia acontece o maracatu, acontece a capoeira, acontecem reuniões do movimento negro e já aconteceu alfabetização de adultos, então ela, a SKC, tem um ato político dentro dessa sociedade joinvilense que por vezes nos exclui, mas muito mais nos torna invisíveis. O Kênia dá essa visibilidade, porque qualquer coisa que acontece dentro da SKC, ela é a única, ela tem essa essência negra.

Essa perspectiva é compartilhada por Jayneffer Elisa, uma das jovens que vem acessando o clube, ao afirmar que SKC auxilia na afirmação das práticas culturais afro: “Eu me sinto à vontade quando estou no clube, principalmente porque lá eu sinto que não sou um peixe fora d’água, lá eu vejo mulheres que são como eu e que muitas delas são periféricas como eu sou”. Sentir-se representada, ser parte e participe, é uma experiência que faz da SKC um lugar de calor que possibilita o corpo descansar da tensão social e o potencializa para a vida (Sawaia, 1995).

Alaíde Honorato da Silva partilha dessa mesma perspectiva ao narrar os sentimentos que a SKC nela produz:

Alaíde Honorato da Silva: Desde sempre, a minha mãe e o meu pai nos disseram que deveríamos saber valorizar a nossa cultura, a nossa beleza e não nos deixar abater com as coisas que ouviríamos na escola. Sempre foi muito difícil ouvir que nossos antepassados eram vadios e que não gostavam de trabalhar, que o nosso cabelo era ruim e muitas outras coisas. Mas eu sempre me fortalecia em casa. Hoje sempre falo para o meu filho as mesmas coisas e incentivo ele a participar de algumas atividades do Kênia, porque sei que isso ajuda na afirmação da nossa identidade, sabe?

As pessoas com as quais conversamos, em suma, compreendem que a SKC é um lugar de fortalecimento tanto individual como coletivo. Estar na SKC é ocupar um espaço-tempo que produz registros afetivos capazes de aumentar a potência de ação dos corpos negros. Compreendem que a SKC é um lugar de bons encontros e formação de saberes que auxiliam pessoas negras a viverem de outros modos que não sejam os estabelecidos pelas ideologias racistas. Estar na SKC significa transitar em um espaço onde as pessoas negras não são interpeladas por práticas e gestos institucionais constituídos a partir da racialização dos corpos negros. As pessoas que o frequentam podem falar de suas histórias, de suas famílias, de seus contextos e condições de trabalho. Podem partilhar sonhos e desejos e, fundamentalmente, construí-los.

Considerações finais

A pesquisa realizada possibilitou compreender que, de modo geral, a SKC é vista pelas pessoas com as quais conversamos como um lugar de calor onde pessoas negras desenvolvem sentimentos de pertencimento. Um espaço onde é possível sentir-se seguro, sem experimentar impedimentos e violências; um lugar de

fortalecimento da consciência racial através das atividades culturais que possibilitam a afirmação da memória e cultura da população negra.

A SKC é compreendida, também, como símbolo de resistência aos processos de invisibilização da presença negra na cidade de Joinville, evidenciando que a sua presença na tessitura urbana tensiona as práticas excludentes sofridas pelos corpos negros na referida cidade. É um espaço de constituição de experiências afetivas e relações de amizade e, por conseguinte, de produção e valorização da vida em sua pluralidade.

Diante dos muitos desafios do atual contexto brasileiro, decorrentes da luta incessante contra retrocessos políticos, educacionais, culturais e éticos, a história da SKC e das(os) suas(seus) associadas(os) contribui para a produção de tensionamentos aos regimes que pretendem ser hegemônicos à custa da destruição de vidas, entre elas, as vidas negras. A realização deste estudo, por conseguinte, com foco na memória e nas estratégias de resistência da população negra de uma cidade do sul do Brasil, contribui com as discussões da psicologia social que se dedicam à problematização do racismo e formas de seu enfrentamento.

Referências

- Aguiar, K. F., & Rocha, M. L. da. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 648-663. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400007>
- Almeida, S. L. R. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro – Pólen.
- Bakhtin, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. (P. Bezerra, Trad.; 5a ed. rev.). Rio de Janeiro, Brasil: Forense.
- Barros, D. L. P. de. (2015). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In Beth B. (Org.), *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. (2a ed. rev.). Campinas, Brasil: Editora Unicamp.
- Barros, J. P. P., Paula, L. R. C., Pascual, J., Colaço, V. F. R., & Ximenes, V. M. (2009). O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 174-181. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200004>
- Bosi, E. (2018). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. (5a ed.). São Paulo, Brasil: Ateliê Editorial.
- Britto, F. D., & Jacques, P. B. (2009). Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 337-349. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200010>
- Benjamin, W. (1996). O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Vol. 1, pp. 197-221). São Paulo, Brasil: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1936).
- Candau, J. (2018). *Memória e identidade* (M. L. Ferreira, Trad.). São Paulo, Brasil: Contexto. (Trabalho original publicado em 1996).
- Domingues, P. (2023). Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente. *Revista Mundos do Trabalho*, 15, 1-22,23. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e93849>
- Escobar, G. V. (2010). *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.
- Espinosa, B. (2009). *Ética*. (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador, Brasil: EDUFBA.
- Gomes, N. L., & Laborne, A. A. P. (2018). Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista, Belo Horizonte*, 34. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>
- Groff, A. R., Maheirie, K., & Zanella, A. V. (2010). Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 62(1), 97-103. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100011&lng=pt&nrm=iso

- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2017). *Atlas da violência 2017*. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/47/atlas-da-violencia-2017>
- Lima, A. F., & Silva, G. M. B. (2019). Falando a voz dos nossos desejos: o sentido da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. *REIS: interações sociais*, 3(1), 42–56. <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9156/6271>
- Loner, B. A. (2009). *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas - 1888-1937* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Maurício, A. C., & Bueno, G. (2019). Psicologia Social Comunitária na Escola: Grêmio Estudantil e Pertencimento. *Revista Polis e Psique*, 9(3), 231-248. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v9n3/v9n3a14.pdf>
- Musha, E., & Berezoschi, J. (2018). O lugar do singular no comum: experiências afetivas em movimentos sociais. In B. B. Sawaia, R. Albuquerque, & F. R. Busarello (Orgs.), *Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. São Paulo, Brasil: Alexa Cultural. https://www5.pucsp.br/nexin/livros/2018_08_06_ebook_afeto_comum.pdf
- Pessanha, E. A., & Nascimento, W. F. (2018). Necropolítica: estratégia de extermínio do corpo negro. *Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB*, 3(6), 2018. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4327>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala*. Coleção feminismos plurais. São Paulo, Brasil: Pólen.
- Sawaia, B. B. (1995). O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *São Paulo em Perspectiva*, 9(2), 20-24. <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/download/o-calor-do-lugar.pdf>
- Sawaia, B. B. (org.). (2014). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (14a ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Sicari, A. A. (2018). *A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Silva, F. O. (2011). *Os negros, a constituição de espaço para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Silva, J. (2000). *Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube de negros no Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Sinhoretto, J., & Moraes, D. S. (2018). Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. *Revista de Estudos Sociais*, (64), 15-26. DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.02>
- Smolka, A. L. B. (2000). A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educação & Sociedade*, XXI(71). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008>
- Sousa, K. A. (2021). Clubes sociais negros e agência educadora negra no século XX: o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. *Revista Escritas*, 13(2), 116-136. DOI: <https://doi.org/10.20873/vol13n02pp116-136>
- Strappazon, A. L., & Maheirie, K. (2017). Bons encontros como composições: experiências em um contexto comunitário. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 114-127. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010&lng=pt&tlng=pt
- Tedesco, S. H., Sade, C., & Caliman, L. V. (2013). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal, Revista de Psicologia*, 25(2). DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>
- Vigotski, L. S. (1934/2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

Notas

[1]: Sobre sentidos, dialogamos com contribuições de Vigotski (1934/2001, p. 390) ao afirmar que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, com zonas de estabilidade variada”. Para o autor, o sentido está relacionado a um “acontecimento semântico particular, constituído através de relações sociais, onde uma gama de signos é posta em jogo, permitindo a emergência de processos de singularização em uma trama histórica e culturalmente localizada” (Barros et al., 2009, p. 179).

[2]: A ideologia racial, além de hierarquizar as relações sociais, organiza, também, as equações de quais corpos devem circular em quais espaços e quais espaços deverão ser destinados aos grupos racializados, entre eles os corpos negros. Portanto, ao pensar a constituição das cidades brasileiras desde os séculos XVIII em diante, faz-se necessário discutir as implicações que as teorias racistas tiveram na organização das paisagens urbanas, na distribuição geográfica das populações negras e no tipo de patrimônio construído, valorado e (in)visibilizado nas cidades que compunham a então colônia portuguesa. Essa discussão, no entanto, foge ao escopo deste artigo.

Contribuição dos Autores

Conceitualização: O.A.C.G; N.A e A.V.Z

Redação do manuscrito: O.A.C.G; N.A e A.V.Z

Análise dos dados: O.A.C.G; N.A e A.V.Z

Revisão e edição: O.A.C.G; N.A e A.V.Z

Submetido em: 04/11/2025

Aceito em: 11/02/2026

Como citar:

Gunlanda, O. A. C., Zanella, A. V., & Assis, N. Memórias, afetos e resistência: sentidos da Sociedade Kênia Clube para as pessoas que a frequentam. *Rev Polis e Psique*. 2026, 16: e026015.

Financiamento:

Não houve financiamento.